



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2826 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

NANA E NILO NA CIDADE VERDE: INSPIRAÇÕES PEDAGÓGICAS NA INFÂNCIA ESCOLAR
Denise Fernandes da Silva - SECRETARIA MUNICIPAL DE ENSINO
Carla Aparecida da Silva - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

NANA E NILO NA CIDADE VERDE: INSPIRAÇÕES PEDAGÓGICAS NA INFÂNCIA ESCOLAR

RESUMO

O estudo apresentado tem a finalidade de ampliar a valorização de práticas antirracistas na infância, à partir da Literatura Infantil Nana e Nilo na Cidade Verde, contemplando objetivos da Lei 10639/03, que vem a corroborar a literatura africana e afro-brasileira como possibilidades de interação com as propostas sobre infância, afroperspectividade e modos de ser, viver e estar africanos e indígenas. Tem como aporte teórico e metodológico a perspectiva histórico-cultural. A investigação está respaldada nos princípios da pesquisa qualitativa, tendo como metodologia a pesquisa participante, que prevê a inserção do pesquisador no cotidiano da escola e sala de aula, bem como o acompanhamento e interesse em explicar os processos interativos vividos pelos sujeitos. Espera-se com esse trabalho, contribuir com debates e reflexões internas e externas à escola, promovendo dessa forma, a percepção do quanto a literatura pode promover aprendizagem, desenvolvimento e melhoria da qualidade do ensino escolar com a ampliação do imaginário, criatividade e criticidade da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, educação étnico-raciais, políticas curriculares, afroperspectiva.

NANA E NILO NA CIDADE VERDE: INSPIRAÇÕES PEDAGÓGICAS NA INFÂNCIA ESCOLAR

RESUMO

O estudo apresentado tem a finalidade de ampliar a valorização de práticas antirracistas na infância, à partir da Literatura Infantil Nana e Nilo na Cidade Verde, contemplando objetivos da Lei 10639/03, que vem a corroborar a literatura africana e afro-brasileira como possibilidades de interação com as propostas sobre infância, afroperspectividade e modos de ser, viver e estar africanos e indígenas. Tem como aporte teórico e metodológico a perspectiva histórico-cultural. A investigação está respaldada nos princípios da pesquisa qualitativa, tendo como metodologia a pesquisa participante, que prevê a inserção do pesquisador no cotidiano da escola e sala de aula, bem como o acompanhamento e interesse em explicar os processos interativos vividos pelos sujeitos. Espera-se com esse trabalho, contribuir com debates e reflexões internas e externas à escola, promovendo dessa forma, a percepção do quanto a literatura pode promover aprendizagem, desenvolvimento e melhoria da qualidade do ensino escolar com a ampliação do imaginário, criatividade e criticidade da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, educação étnico-raciais, políticas curriculares, afroperspectiva.

INTRODUÇÃO

A pesquisa foi construída a partir das reflexões e propostas que acompanham a linha de estudo e o grupo de pesquisa no qual estou inserida, possibilitando pensar outras propostas pedagógicas e curriculares para a educação étnico-racial a partir da arte e literatura na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Nossos objetivos estão dentro do campo da análise do material de literatura para a Educação Infantil voltados as suas especificações legais – Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais, Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004); as Orientações para Educação das Relações Étnico-Raciais (2006); Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais, Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana(2008).

A investigação está respaldada nos princípios da pesquisa qualitativa, mais especificamente, na pesquisa participante, que prevê a inserção do pesquisador no cotidiano da escola e sala de aula, bem como o acompanhamento e interesse em explicar os processos interativos vividos pelos sujeitos. Espera-se com esse trabalho, contribuir com debates e reflexões internas e externas à escola, promovendo dessa forma, a percepção do quanto a literatura pode promover aprendizagem, desenvolvimento e melhoria da qualidade do ensino escolar com a ampliação do imaginário, criatividade e criticidade da criança.

Tem como aporte teórico e metodológico a perspectiva histórico-cultural, por entender que, no cotidiano escolar as relações estabelecidas, sejam elas entre adultos/criança, criança/criança, sujeitos/conhecimento e, permeados na literatura infantil, alimentam e são alimentadas pela imaginação e pela criatividade e, conseqüentemente, potencializadoras de desenvolvimento. Dessa forma, alia-se a pesquisa às práticas pedagógicas que contemplam a linguagem literária no espaço escolar, inserindo as relações advindas dessa prática e suas implicações nos processos de ensino, aprendizado e no desenvolvimento das crianças.

O desenvolvimento desta pesquisa se estruturou inicialmente no estudo teórico que possibilitou um aprofundamento dos conceitos sobre infância, brincadeiras, educação para as relações étnico-raciais tendo como mote o brincar e aprender no ambiente escolar e afirmação da identidade das crianças, todos atravessados por uma força em favor da vida, resiliente e criativa. Desta forma, o trabalho abordará a literatura Africana e afro-brasileira como possibilidade de construção de valores, afirmação da identidade negra interagindo na promoção cooperativa dos processos educativos na infância

APORTES TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

A pesquisa participante é definida por Brandão (1998, p. 43) como sendo “a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior”. A opção pela pesquisa sobre “outras educações” a partir da afroperspectiva, possibilitou achados significativos de autores e produções que fazem conexão com nossa investigação a abordagem qualitativa apresenta um campo metodológico, que prometem a interpretação dos fenômenos e o rigor científico entendido como necessário.

No processo de levantamento bibliográfico encontramos uma produção de extensão pequena comparada a importância e urgência política dos temas para o campo da educação, os materiais encontrados permitiram aos investigadores um aprofundamento dos conceitos sobre *identidade, infância, relações raciais* no ambiente escolar e afirmação da identidade negra, contribuíram na construção de uma análise apurada da realidade vigente na escola no que tange a prática educativa na perspectiva proposta. Para concretização desta pesquisa, embasamo-nos na abordagem qualitativa, que segundo Minayo, “se ocupa, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, trabalhando assim com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atividades” (MINAYO, 2007, p. 21).

Quanto aos instrumentos de pesquisa optamos pela observação que acontece num contexto natural, possibilitando uma relação maior entre o pesquisador e o objeto de estudo. No que refere as entrevistas, optamos pelas semiestruturadas, que por serem formadas por perguntas abertas e fechadas nos possibilitou uma dinâmica maior nos questionamentos tornando assim mais agradável as entrevistas com as crianças. Para análise dos dados utilizaremos a análise de conteúdo, que de acordo com Chizzotti (1998, p.98) “[...] é um método de tratamento e análise de informações, cujo objetivo é [...] compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto e latente, as significações explícitas ou ocultas”.

Deste modo, fez-se necessário uma investigação no ambiente da sala de aula pautada na literatura infantil africana que permitissem tecer a construção da identidade racial das crianças negras, para tal, foram utilizados livros

disponibilizados na pequena biblioteca da escola, trabalhados em sala de aula e acompanhados pelos pesquisadores que realizaram observações, aplicação de entrevista com alunos e professores.

RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA

É no espaço escolar que em sua maioria inicia a construção da subjetividade das crianças e que ocorrem os seus primeiros contatos com preconceitos, estigmas e racismos. A desigualdade racial nas escolas é uma realidade marcante no histórico brasileiro e o que é oferecido nestes espaços é uma realidade marcada por lacunas que ferem os direitos dessas crianças de ter um a socialização que lhes permita uma convivência entre iguais e diferentes e suas formas de pertencimento. Poucos são os materiais onde o negro aparece de maneira não depreciativa e neste caso, a criança negra encontra dificuldades em se identificar com o seu grupo de pertencimento racial, uma vez que afirmar-se como negro em nossa sociedade é incorporar-se a estereótipos negativos.

Nos estudos de Ana Célia da Silva (2011, p.29) sobre estereótipos do negro nos materiais didáticos, à especialista nessa temática faz a seguinte pontuação:

Na representação social do negro, no processo de reconstituição e modelagem da sua percepção externa estão contidos os estereótipos, os preconceitos, os julgamentos, os juízos, que são elementos ou objetos internalizados na consciência dos indivíduos, que os utilizam para construir o conceito da percepção inicial apreendida e que passa a integrar o seu universo interior. (SILVA, 2011, p. 29).

A ausência de discussões como está na escola, desencadeia problemas crescentes de violência moral, física, social e tantas outras, já que não é incentivado o desenvolvimento por uma cultura de aceitação de si, como parte de um grupo de valor, propor o fazer-se educar numa perspectiva de construção do indivíduo como um ser de direitos e deveres igualitários, independente de etnias, raças, crenças e valores. Isto é um compromisso institucionalizado, que a sociedade deve despertar em seu papel de cobrar e se fazer cumprir essa prática democrática e emancipatória principalmente no ambiente escolar.

Ao inserirmos uma literatura que apresenta valores ancestrais das mais variadas perspectivas no que tange às leis 10630/03 e 11645/08, elucidamos ações eurocêntricas e damos protagonismo aos grupos étnicos ignorados na história da construção do nosso país. O Brasil ainda cultiva o mito da democracia racial, buscando negar constantemente as raízes profundas do racismo em nossa sociedade, produzindo assim um "racismo cordial". Neste sentido, nosso país não se declara racista, entretanto, continua condenando a exclusão a população negra mantendo-a vítima de estereótipos e estigmas.

Nesta perspectiva compreendem-se a importância de se discutir os processos de construção da identidade, a partir do momento em que a escola se mostre como um espaço democrático para promoção de práticas sociais e com isto se apresente contrária a estigmas que excluem as manifestações religiosas, gênero ou raça. Para que a escola venha a se tornar um espaço democrático, aberto a discussões que visem uma sociedade mais igualitária, é indispensável à mobilização dos interessados por esta, para tal, Gomes (1995 p.188-189) destaca que:

Os movimentos sociais, as lutas da comunidade negra exigem da escola posicionamento e a adoção de práticas pedagógicas que contribuam para a superação do racismo e da discriminação [...] é necessária uma formação política- pedagógica que subsidie um trabalho efetivo com a questão racial na instituição escolar. Boa vontade não basta!

Para a autora é responsabilidade da escola se comprometer e romper com a visão escravocrata e abolicionista buscando mostrar a História da África e das culturas africanas e afro-brasileiras não mais sem referências positivas e sem tradição, mas com a cosmovisão que permitam construções positivas de identidade raciais. A literatura afro-brasileira pode ser utilizada como uma proposta didática que possibilite a construção afirmativa da identidade racial, uma vez que os mesmos discutem aspectos culturais e históricos de forma prazerosa e fomentam o pensar criticamente sobre a diversidade, rompe com imagens negativas e estereotipadas, inserindo poder de afirmação e construção positiva na infância com uma aventura de encantamento e brincante.

Inspirações Pedagógicas: aprendendo com Nana e Nilo

Para analisarmos como a literatura afro-brasileira pode compilar para a construção e afirmação de uma identidade racial das crianças negras e indígenas e fomentar valores como os abordados nas filosofias africanas e indígenas, respectivamente Ubuntu e teko Porã. As professoras ficaram livres para escolherem o livro, estes da série Nana e Nilo. Dos três, o vencedor foi o mais recente lançado, que tem como título Nana e Nilo na Cidade verde, já que Nana e Nilo aprendendo a Dividir e que jogo é esse? já tinham sido trabalhados por duas discentes. Suas escolhas foram justificadas pelas presenças dos gêmeos negros e por apresentar uma diversidade étnico-racial nos outros personagens elucidando propostas onde os protagonistas das histórias são brancos e reafirmando a necessidade de eliminação do currículo eurocêntrico.

Observamos que houve um grande interesse em ouvir aquela nova história e que os personagens Nana e Nilo já eram conhecidos pelas crianças. Os murais da sala eram enfeitados com os personagens, que trazia um interesse maior por conhecer a nova história.

— Uma criança rapidamente respondeu:” é alguma história da Nana e do Nino.

— Outras crianças reiteraram que também conheciam os personagens e uma delas corrigiu falando:” Não é Nino, é Nilooooo”, o que mostrou ser importante a utilização dos nomes no ambiente criado em sala de aula na tarefa de se trabalhar a identidade. Corsaro (1992) propõe o termo reprodução interpretativa ao se referir à participação infantil na sociedade. Para o autor, as crianças “criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto” (CORSAO, 2011, pag. 31).

E a medida em que eu narrava a história e apresentava as ilustrações do livro, surgiu uma indagação:” Tia, por que a menina que jogou o lixo na praia é branquinha, igual a Stéfany?” Eu, rapidamente respondi que se tratava de uma história, mas na vida real, independentemente de ser negra, branca ou indígena devemos preservar o meio ambiente. Rapidamente o aluno João interagiu e gritou em tons bem altos: “Oh tia, minha mãe sempre fala que preto só faz M”, mas nas historinhas que a tia conta de Nana e Nilo, são gente legal, né?”

A narração estava apenas começando e indagações interessantes já permeavam a pesquisa proporcionando uma interlocução em prol da construção de imagens positivas de negras e negros, rompendo assim com a imagem do negro aculturado, vítima da destruição pelos brancos, dos seus valores culturais e mostrando o negro como sujeito histórico, inserido em estratégias de poder, afirmação política e reformulação positiva de equidade.

Naquele momento, percebi que a produção científica e o uso da literatura utilizada pelos docentes, apoiam na desconstrução do racismo arraigado no subconsciente coletivo da sociedade e nos mostram soluções de aproximação, através de uma reflexão direcionada na escola com práticas antirracista o que me levou a pensar o quanto caminhamos a partir da lei 10.639/03 foi determinante para que essas mudanças ocorressem, principalmente no meio educativo, pois traz em seu texto mudanças significativas no currículo oficial da Rede de Ensino e a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”:

Percebemos que, a partir da referida lei, essa tentativa de aproximação do público leitor ativo passou a ser mais visível, pois o contato com a literatura afro-brasileira promoveu uma verdadeira revolução social, no sentido de promover o respeito à diversidade, seja de cor, raça, gênero, etc.

Os estudos de Maria Aparecida Bentos, aponta que cenário externo é preponderante para essa identidade negra. Pois está a todo tempo todo nos enviando estímulos e desestímulos. E receber mensagens positivas desse meio externo, faz esse corpo negro ser aceito, o que mantém em harmonia na convivência com o outro. Sentimos a necessidade de ser apreciado pelo o outro, pois somos a soma de um pouco de todos os outros que nos relacionamos. Tendo um caráter muito flexível, pois o processo identifica tório é transitório, ou seja, muda de acordo com a “posição que o sujeito ocupa na relação com o “outro”, posição constantemente cambiante e permutável” (BENTO, 2012. p. 112).

Outrossim, as crianças segundo TRINIDAD (2012. p.124), “constroem suas identidades e identificações étnico-raciais pautadas em significados sociais das quais vão se apropriando por meio de suas vivências”. E nesta parte da história do livro, vários grupos étnico-raciais estão interligados, um valorizando a cultura do outro. Partindo da promoção do conhecimento na cosmovisão africana, dentro de uma outra localização, sendo fundamental para a desconstrução de ideias pejorativas do negro e da África. Definindo a localização com as perspectivas de sua própria história e cultura, sem a construção de uma cadeia hierárquica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como percebemos a questão da Construção Étnico-Racial se configura como um desafio intenso nos dias atuais, pois não é fácil desconstruirmos trezentos e oitenta e oito anos em que os negros foram invisibilizados no nosso país, mas diante do quadro exposto é necessário que a sociedade possa se organizar para que os direitos adquiridos com o tempo não possam ser também relegados ao esquecimento. Cada cidadão brasileiro deve buscar a conscientização em si mesmo e reproduzir veementemente as noções de respeito mútuo na sociedade em que vive, buscando construir uma sociedade livre das discriminações geradas durante tanto tempo.

A escola, como instituição detentora do poder de transmissão do Conhecimento não pode se eximir de entrar na luta contra o racismo, e modificar-se para que as ações desenvolvidas em nossas escolas sejam benéficas e que a igualdade e a diversidade possam ser reconhecidas como um fator enriquecedor para as relações sociais saudáveis. A utilização da Literatura afrodescendente, que abordam a diversidade étnico-racial, pode construir no inconsciente coletivo dos alunos desde a tenra idade, a noção de que a valorização do ser humano vai além da cor da pele, além das orientações sexuais, além de fatores religiosos.

É necessário que o ambiente escolar esteja propício para receber o considerado diferente, diante das concepções hegemônicas que norteiam o ethos de nossa sociedade brasileira. Em âmbito escolar é necessário que haja uma modificação dos padrões, das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores e professoras, capaz de mostrar o negro através da literatura produzida. Partindo da promoção do conhecimento na cosmovisão africana, dentro de uma outra localização, sendo fundamental para a desconstrução de ideias pejorativas do negro e da África. Definindo a

localização com as perspectivas de sua própria história e cultura, sem a construção de uma cadeia hierárquica.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. A Identidade racial em crianças pequenas. Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. Bento (org). São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

BRANDÃO, C. R. (1998). Participar-pesquisar. In: Brandão, Carlos Rodrigues (org). Repensando a pesquisa participante. 3 ed. São Paulo: Brasiliense

BRASIL. Lei 10.639/2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>

CORSARO, Willian A. Child care, early education, and children's peer culture in Italy. In M. Lamb, K. Sternberg, C. Hwang, & A. Broberg (Eds.) 1992.

CORSARO, Willian A. Sociologia da Infância. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: Teoria e prática. 18 Ed. São Paulo: Ática, 1999

e social, Volume 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GOMES, Nilma Lino. "Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão" In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN. Regina. Literatura Infantil- História & Histórias. 6.ªed. Ática, São Paulo, 2007.

SILVA, Ana Célia da. A Representação Social do Negro no Livro Didático: O que mudou? Por que mudou? Salvador: EDUFBA, 2011.

SOARES, Aline Gimenes. Literatura Infantil e a identidade da criança afro-brasileira. Construção ou negação. (Monografia), Rio de Janeiro, 2012.

VYGOTSKY, L. S. (1994). A Formação Social da Mente. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.